



## **Imprensa feminista oitocentista no Rio de Janeiro e em Buenos Aires:**

### **algumas reflexões**

BÁRBARA FIGUEIREDO SOUTO\*

#### **Introdução**

Nesta comunicação nos propomos a analisar dois periódicos feministas<sup>1</sup> veiculados no ano de 1852. São eles: *Jornal das Senhoras* e *La Camelia*. O primeiro foi publicado na cidade do Rio de Janeiro e o segundo em Buenos Aires. Estes impressos nos permitirão tecer comparações entre a imprensa e a condição das mulheres naquela segunda metade de século.

Acreditando na eficácia de pensar o Brasil em aspecto comparativo aos seus vizinhos continentais e com o intuito de colaborar com a mudança de eixo reflexivo,<sup>2</sup> propomos uma breve análise de duas sociedades contíguas, almejamos explorar as potencialidades propiciadas pelo método comparativo, nos permite

examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Faz-se por mútua iluminação de dois focos distintos de luz, e não por mera superposição de peças. (BARROS, 2007: 9-10)

O objetivo desta comunicação é refletirmos, de maneira breve, sobre como utilizar a imprensa enquanto objeto de pesquisa, nos atentando para suas potencialidades e os desafios enfrentados pelo pesquisador. Para tanto, trataremos do contexto social de veiculação dos periódicos em questão, de suas propostas editoriais, bem como de sua materialidade.

#### **A imprensa e o contexto social**

Tania Regina de Luca nos mostra como o percurso para a inserção da imprensa enquanto fonte e objeto de análise foi árduo, gerando desconfiças e muita polêmica.<sup>3</sup> Atualmente são inúmeros os pesquisadores que se dedicam a estudar a imprensa e as ideias

---

\*Professora efetiva do Departamento de História da Unimontes; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG; durante o primeiro ano do doutorado fui bolsista Capes.

<sup>1</sup> Caracterizamos os jornais que analisaremos de “feminista”, pois defendemos que imprensa feminina e feminista não são termos sinônimos. Corroboramos Dulcília Buitoni ao afirmar que a “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, distingue-se pelo fato de defender causas”. (BUIIONI, 1990: 16).

<sup>2</sup> Para uma instigante reflexão a respeito, ver: (PRADO, 2005).

<sup>3</sup> Para acompanhar um pouco desta trajetória bem como os trabalhos pioneiros na historiografia brasileira, ver: (LUCA, 2005).

por ela veiculadas, entretanto, muitos cuidados devem ser tomados para não cairmos nas armadilhas dos discursos. Ana Maria de Almeida Camargo alerta sobre o “risco de ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade” (CAMARGO *Apud* LUCA, 2005: 117). Tendo isso em vista, fica claro que é elementar estarmos atentos ao contexto social em que se deu a produção dos artigos. Como nos lembra Pablo Rocca, um periódico “sólo tiene pleno sentido en su relación con el marco, con su íntimo contacto con la vida social y cultural del momento.” (ROCCA, 2004: 5). A desatenção para com o período de produção da fonte pode gerar interpretações simplórias ou até mesmo equivocadas.

Para refletirmos, vale ler um trecho do primeiro editorial do *Jornal das Senhoras*:

Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será? [...].

Ora! não póde ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Côrte e Capital do império, Metropoli do sul d’America, acolherá de certo com satisfação e sympathia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher. (NORONHA, 01/01/1852: 1-2)

O estudioso desatento ao período de produção poderia se questionar: como uma mulher que se propunha a reivindicar a emancipação colocaria em xeque seus talentos? Por que almejava uma emancipação moral? Para compreender tais concepções, é preciso levar em conta que, no ano de 1852: apenas uma mulher tinha ousado a fundar um jornal em território brasileiro; o acesso das mulheres ao espaço público era limitado; a presença das mulheres na imprensa não era comum; não fazia parte das “funções” femininas expressar suas ideias; o analfabetismo feminino era ainda mais elevado; o padroado vigorava de forma intensa; a religião católica exercia grande influencia nos costumes e na educação feminina. Após rememorarmos as questões do momento, o pesquisador pode interpretar com mais coerência o projeto de emancipação proposto pelo *Jornal das Senhoras*, que, apesar da aparente reprodução da ordem, propõe mudanças significativas na condição de vida das mulheres oitocentistas.

Esta meta de intervenção no espaço público é, segundo Tania de Luca, uma característica da imprensa brasileira oitocentista, que se preocupava mais com a defesa “apaixonada” de ideias do que com os retornos monetários gerados pelo jornalismo (LUCA,

2005: 133). Segundo a análise de Alexandra Pita González, a pretensão de controle da opinião pública foi elemento marcante na imprensa latino-americana também na primeira metade do século XX (GONZÁLEZ, 2008: 5).

Os dois periódicos analisados neste texto têm clara intenção de intervenção no espaço público, cujas metas são voltadas especificamente para a questão feminina. O *Jornal das Senhoras*, mencionado anteriormente, propunha a “emancipação moral” da mulher; já *La Camelia* almejava conquistar a “igualdad entre ambos sexos”, rompendo com toda a opressão que a mulher sofreu ao longo da história. De acordo com o jornal:

Para sistemàr la defensa de nuestro sexo, empezaremos por presentar la suerte que le cupo desde que el mundo fué creado, y com sola narracion de los hechos, quedará probada la injusticia del hombre hácia nosotras; injusticia tanto mais irritante, cuando solo estriba en el conocimiento de su fuerza fisica, de la que abuso para esclavizar a la mitad de sí mismo, y mitad la mas preciosa. (*La Camelia*, 13/04/1852: 1)

Para o caso específico da Argentina, González afirma que a imprensa foi adquirindo elevada importância a partir de fins do século XIX, principalmente, devido ao aumento do público leitor urbano (GONZÁLEZ, 2008: 5). Jorge Myers enfatiza que já na segunda metade do século houve crescimento dos periódicos femininos, devido à ampliação da rede educacional para mulheres e ao consequente aumento do público leitor feminino (MYERS, 2008: 39).

Neste contexto de segunda metade do século XIX, tanto na Argentina quanto no Brasil, o lugar da polêmica pública ultrapassou os marcos estatais (MYERS, 2008: 39). Segundo Mabel Moraña, exemplo deste tipo de discussão pode ser encontrado no *Jornal das Senhoras*, “empresa transnacionalizada de temprano feminismo americano que nuclea, como alternativa a los proyectos estatales de homogeneización ciudadana y patriarcalismo socio-cultural, a un sector que reclamaba nuevas formas de representatividad política y representación simbólica.” (MORÁNA, 2003: 67).

### **Jornal ou revista?**

*La Camelia* circulou entre 11 de abril e 11 de maio de 1852, sendo publicado aos domingos, terças e quintas. O *Jornal das Senhoras* foi veiculado, aos domingos,<sup>4</sup> de 1 de

---

<sup>4</sup> Apenas o primeiro número saiu numa quinta-feira.



janeiro de 1852 a 30 de dezembro de 1855. Ao observar as páginas iniciais dos periódicos questionamos: tratam-se de jornais ou como de revistas?



*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 01/01/1852



*La Camelia*, Buenos Aires, 29/04/1852

É importante abrir a discussão esclarecendo que, apesar da aparente semelhança, jornais e revistas tratam-se de materiais diferentes. Segundo Regina Crespo, os conhecidos como “grandes periódicos” têm mais complexidade em sua estrutura e possui melhores recursos financeiros, o que lhes permite inserir em suas páginas os suplementos; já as revistas geralmente seriam caracterizadas pela precariedade em sua organização, o que lhes acarreta problemas na distribuição, escassez de recursos e às vezes o cessar de sua circulação (CRESPO, 2010: 1). A autora caracteriza as revistas como uma publicação intermediária entre os livros e os periódicos: enquanto o livro possuiria uma perspectiva mais demorada, os periódicos precisariam trabalhar numa temporalidade mais imediata, “al calor de los hechos”; já o tempo da revista seria menos urgente, o que lhe permitiria produzir textos mais reflexivos e analíticos (CRESPO, 2010: 2).

Não podemos caracterizar o *Jornal das Senhoras* e *La Camelia* como “grandes periódicos”, pois tratavam-se de empreendimentos de grupos pequenos de mulheres, as quais usavam seus próprios recursos para colocar suas ideias em circulação. Além disso, a organização textual era dotada de pouca complexidade e utilizava poucos recursos tipográficos. Portanto, pela conceituação de Crespo, os impressos em questão se aproximariam mais do formato de revista.

De acordo com Dulcília Buitoni, no século XIX, “o termo revista relacionava-se mais com o conteúdo do que com o formato, pois, na prática, era difícil distingui-la dos jornais

pelo aspecto visual” (BUITONI, 1990: 17). Dessa forma, seria o entretenimento, a poesia, os relatos de viagem e a ficção que definiria um impresso oitocentista como revista.

Corroboramos Buitoni a respeito da dificuldade de distinguir revista e jornal pelo formato, entretanto, os conteúdos dos impressos aqui analisados ultrapassam o caráter de entretenimento e literatura estabelecido pela autora para caracterizar uma revista. O *Jornal das Senhoras* e *La Camelia* veicularam esse tipo de conteúdo, mas também trouxeram artigos reflexivos sobre: a questão feminina, a educação, a política da época, os costumes, etc.

Para Roxana Patiño, a revista possui natureza híbrida, localizando-se na interseção entre “o periodístico, e o intelectual e artístico”. Porém, no campo cultural, as revistas não possuem um lugar pré-estabelecido: “mais do que um lugar fixo e imutável em uma determinada ordem cultural, as revistas possuem funções específicas mais flexíveis.” (PATIÑO, 2009: 460). Além disso, ela trabalha para “deixar sua marca no presente, não está interessada no futuro como o livro.” (PATIÑO, 2009: 461)

Beatriz Sarlo dialoga com esse posicionamento de que a “autenticidad” da revista está no presente, por isso, sua vontade é sempre de intervir na sociedade para modificá-la. Entretanto, ela pondera, argumentando que o contemporâneo é o tempo por excelência da revista enquanto prática de produção e circulação, mas seus artigos podem alcançar o futuro. Além disso, as revistas são “*bancos de prueba*”, já que deixa registrado como se pensava o futuro em determinado presente. (SARLO, 1992: 9-11)

Pablo Rocca defende que a revista, mesmo se propondo ter uma periodicidade regular, não é “esclavizada por la salida cotidiana” nem à imposição da notícia, que é sempre aristocrática. Em contraposição a Sarlo e Patiño, o autor argumenta que “aun viviendo en el presente la revista apunta siempre al futuro.” (ROCCA, 2004: 7)

Ao levarmos em consideração os argumentos de Patiño e Sarlo, identificamos nos impressos que analisamos a vontade de intervir na sociedade para modificá-la, entretanto, não podemos corroborar a discussão sobre a temporalidade, já que *La Camelia* e *Jornal das Senhoras* tinham nítida perspectiva de futuro, seja nas mudanças sociais ou no constante desejo de produção e circulação. Por isso, no quesito temporalidade, os impressos que analisamos se aproximam mais da proposta de Rocca.

A título de exemplo, mencionamos que a paginação do impresso veiculado no Rio de Janeiro era contínua, ou seja, a cada nova publicação a página não iniciava no numeral um,

ela seguia a sequência da edição anterior. Logo na segunda publicação do *Jornal das Senhoras*, percebemos a preocupação da redatora em incentivar suas leitoras em arquivar os números do jornal para leituras futuras, nas palavras impressas: “pedir ás minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho.” (*JORNAL DAS SENHORAS*, 11/01/1852: 11). Além disso, no dia 30 de dezembro de 1855, encontramos um aviso da redação sobre um intervalo que a publicação faria, veja um trecho:

Nem tão pouco nós esmorecemos, Senhoras. Não esmoreceremos jamais. Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessaria, no proximo anno de 1856; e com favor de Deus o JORNAL DAS SENHORAS reaparecerá em 1857, para porsequirmos ao honroso fim a que nos proposemos [...] – adeos – até o anno de 1857. (*JORNAL DAS SENHORAS*, 30/12/1855: 409)

Infelizmente, não temos vestígios do retorno da publicação, entretanto, não podemos deixar de considerar o desejo da equipe em permanecer o jornal em circulação.

Após perpassarmos esse debate, retomamos nossa questão inicial, o *Jornal das Senhoras* e *La Camelia* devem ser caracterizados como revista ou como jornal? Para respondermos a este questionamento, convidamos o leitor a observar atentamente o posicionamento de Tania de Luca:

As definições hoje correntes, que reservam o termo *jornal* para a publicação diária, em folhas separadas, e *revista* para as de periodicidade mais espaçada, enfeixadas por uma capa e com maior diversidade temática, tampouco esgotam a questão, pois sempre se pode citar os jornais semanais e seu afã de também tudo abarcar, ou as revistas extremamente especializadas. As classificações abstratas e generalizantes, por muito útil que sejam, não prescindem da caracterização específica construída a partir da análise do próprio corpo documental selecionado, das funções auto-atribuídas, em articulação constante com a sociedade, o tempo e o espaço no qual a fonte se insere. Em outras palavras, as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação. (LUCA, 2005: 131-132)

Inspirados na reflexão dessa historiadora, concluímos que é mais interessante nos atentarmos para auto-atribuição feita pelos próprios impressos e compreendê-los em suas particularidades do que tentar encaixá-los em uma caracterização mais abstrata. Por isso, optamos, ao longo deste trabalho, por nos remeter ao *Jornal das Senhoras* como “jornal” e ao *La Camelia* como “periódico”, já que foram as formas que eles mesmos se identificaram e se compreenderam em suas peculiaridades, em seu tempo e no seu espaço.

## Materialidade

Para conhecermos melhor o *Jornal das Senhoras* e *La Camelia* é elementar analisarmos a materialidade dos mesmos. Alexandra Pita González e Maria del Carmen Grillo argumentam sobre a importância de nos atentarmos à materialidade das revistas culturais, detalhando cada aspecto material das revistas que o pesquisador deve se atentar para realizar uma análise minuciosa. (GONZÁLEZ, GRILLO, 2015: 3-30)

Iniciamos nossa análise refletindo sobre os títulos dos periódicos. Por que *Jornal das Senhoras*? As redatoras não explicam o título, mas podemos inferir que o mesmo sugere que a propriedade pertencia e a redação era constituída por mulheres, bem como este era o tipo de público que o periódico almejava atingir. Além disso, acreditamos que o título pode ter sido escolhido estrategicamente, pois não sendo direcionado claramente à emancipação feminina poderia ter maior aceitação, não restringindo, assim, seu público leitor.

O *Jornal das Senhoras* começou a ser publicado com o seguinte subtítulo: Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica. Houve mudança apenas a partir do primeiro número de 1854, quando passou a ser: Jornal da boa companhia. Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros. Esta alteração no subtítulo foi acompanhada de mudança tipográfica na letra. Podemos observar que foi significativa a troca de subtítulo, principalmente, pela supressão do termo “Critica”. Não aprofundaremos na discussão, no presente texto, mas vale revelar que essa mudança afetou inclusive o conteúdo do jornal, que diminuiu a veiculação de matérias sobre a emancipação feminina.

Sobre o *La Camelia*, seu título foi inspirado num conto que narra a história de uma Condessa Imperial de Veneza, na Itália, que era famosa por sua beleza e que após a morte do marido se transformou em camélia, brotando no túmulo do falecido. Essa história foi veiculada nas páginas do periódico entre os dias 11 e 20 de abril de 1852. Acreditamos que o nome de flor também funcionava como atrativo para o público feminino, prática que foi comum também no Brasil do século XIX, mas para jornais de propriedade masculina que visava o público feminino. Segundo Zahidé Muzart, esses títulos de periódicos como *A Camélia*, *A Violeta* e *O Lírio* foram utilizados como metáforas da figura feminina. (MUZART, 2003: 228)

*La Camelia* não tinha subtítulo, mas inseriu em seu cabeçalho três frases: “¡VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA!”; “LIBERDAD: NO LICENCIA; IGUALDAD ENTRE

AMBOS SECSOS”; “SIENDO FLOR – se puede vivir sin olor; SIENDO MUGER – no se puede vivir sin amor.” A primeira delas marcou o posicionamento do periódico em relação aos governos argentinos, deixando claro seu apoio a Justo José de Urquiza e seu repúdio ao antigo “tirano” Juan Manuel de Rosas. A segunda frase deixou claro os objetivos do periódico que eram lutar pela liberdade e igualdade entre os sexos. Por fim, a última frase foi retirada do conto que inspira o título do periódico, remetendo ao amor e respeito que as mulheres reivindicavam.

Ao centro do cabeçalho do *La Camelia* havia uma imagem representando a justiça: mulher com vendas nos olhos; em uma das mãos uma balança e na outra uma espada.

Pensando nos objetivos do periódico, a imagem nos sugere que, na sua concepção, a almejada igualdade entre os sexos representaria uma forma de justiça para com as mulheres.

Em suas quatorze edições, *La Camelia* saiu com quatro páginas por número, organizadas em duas colunas cada. Sempre no início da primeira coluna encontramos a seguinte informação:

Este Periodico, se publica los Domingos, Mârtes y Jueves por la IMPRENTA REPUBLICANA, Calle San Francisco Núm. 194 – donde se admiten suscripciones, como en la Libreria de Ortiz, Calle de Santa Clara Núm. 25 y médio. – Su Precio es el de 10 pesos mensuales pagaderos á fin de cada mes – números sueltos 2 pesos. (*LA CAMELIA*, 1852)

No *Jornal das Senhoras* este tipo de informação foi veiculado na última página:

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro número de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por três mezes, 3U000rs. na corte, 4U000rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados. (*JORNAL DAS SENHORAS*, 1852)

Ao longo das publicações houve mudanças de tipografia: a partir de 7 de março de 1852 passou para a Typographia de Santos e Silva Junior, na Rua da Carioca, nº 32; a partir de 24 de outubro de 1852, o jornal conseguiu uma parceria e fundou Typographia do *Jornal*



*das Senhoras*, de Santos & Silva Jnr., mantendo o mesmo endereço; a partir de 6 de março de 1853 tornou-se Typographia do *Jornal das Senhoras* de G. Leuzinger, localizando-se na rua do Ouvidor, n. 36; a partir de 13 de março de 1853 excluiu o nome “G. Leuzinger”, tornando Typographia do *Jornal das Senhoras*; no dia 5 de julho de 1853, houve mudança no endereço da tipografia que passou a ser rua da Alfândega, n. 54; por fim, a partir de 21 de agosto de 1853, o endereço da tipografia passou a ser rua do Cano, n. 165.

Peculiaridade do *Jornal das Senhoras* era a presença constante de anexos. Em seus 209 números veiculados, apareciam oito páginas de textos mais anexos, que podiam ser figurinos, partituras, músicas, literatura, etc. Durante sua trajetória, o jornal publicou 416 páginas (sem contar os anexos).

O *Jornal das Senhoras* foi organizado em duas colunas e distribuiu parte de suas publicações em seções. A utilização das seções não foi feita de forma muito rígida, nem sempre ficando clara a delimitação das mesmas – não havia padrão nas letras utilizadas para marcar as seções, como comumente ocorria na imprensa. Devido a isso, precisamos realizar uma pesquisa minuciosa nos atentando para a recorrência dos títulos para compreendermos se tratava-se ou não de uma seção. Além disso, muitos textos foram veiculados fora de seções, sendo separados apenas pelos títulos ou por pequenas marcas tipográficas, como traços.

No levantamento das seções que realizamos, chegamos aos seguintes números:

Nome das seções	Recorrência das seções durante os anos			
	1852	1853	1854	1855
Boletim Musical	0	0	11	18
Boletim dos Theatros	0	0	8	0
Charada	0	20	32	31
Chronica da Quinzena	12	18	0	0
Chronica da Semana	7	0	0	0
Chronica dos Salões	0	0	28	43
Correio dos Salões	0	0	18	0
Correio das Senhoras	0	3	0	0
Modas	34	44	27	27
Poesia	20	39	46	48
Theatros	5	6	0	0
Theatro Lyrico	0	4	0	0
Variedades	0	0	0	30

Através dessa tabela podemos observar que as únicas seções constantes em todos os anos do jornal foram “Modas” e “Poesia”, as quais tiveram ritmos diferentes: enquanto a seção “Poesia” teve crescimento gradual ao longo dos anos, a seção “Modas” cresceu do

primeiro para o segundo ano, depois sofreu uma grande queda e se manteve no último ano. Através destes dados podemos perceber como a seção “Poesia” teve êxito no jornal, contando com intensa colaboração dos leitores. Já a seção “Modas” começou com grande prestígio, sendo um os grandes atrativos do jornal, já que, segundo o *Jornal das Senhoras*, ele era o único no Brasil que trazia figurinos inéditos de Paris, feitos exclusivamente para o periódico (*Jornal das Senhoras*, 25/01/1852: 26, havendo necessidade até de reimpressão de figurinos por demanda das leitoras (*Jornal das Senhoras*, 18/01/1852: 17-18), mas com o tempo foi perdendo força: seria por falta de interesse do público ou por dificuldades em manter relações com o mundo da moda parisiense?

Pelo título das seções veiculadas nos jornais podemos perceber também o claro interesse pelo âmbito cultural da sociedade, trazendo discussão sobre música, teatro e salões. Interessante enfatizar que, geralmente, os artigos que discutiram a emancipação feminina não apareceram dentro das seções.

O periódico *La Camelia* utilizou menos seções para organizar seus artigos, entretanto, delimitou melhor as mesmas. Através de levantamento, chegamos ao seguinte resultado:

<i>Seção</i>	<i>Quantidade de números</i>
Variedades	13
Modas	4
Correspondencias	14

Diferentemente do jornal veiculado no Rio de Janeiro, *La Camelia* deu pouca ênfase ao tema modas. Em contrapartida, encontramos um maior equilíbrio entre as demais seções. Um elemento interessante que este levantamento nos revelou foi o volume de correspondências enviadas pelos leitores, o que nos permite analisar, ao menos parcialmente, a recepção deste periódico.

Elemento de difícil acesso em ambos periódicos é a autoria dos artigos. No *La Camelia*, nem mesmo o nome da redatora foi revelado ao longo de suas páginas, pelo contrário, foi publicado um artigo negando o fato de Rosa Guerra participar da redação do jornal (*LA CAMELIA*, 06/05/1852: 1-2). Entretanto, após estudos sobre o periódico chegou-se a um consenso que Rosa Guerra foi redatora e proprietária de *La Camelia*. Pela constante utilização do termo “Las redactoras” podemos inferir que Guerra contava com o apoio de outras mulheres.

Tal dificuldade também foi percebida no *Jornal das Senhoras*, principalmente, em relação às colaboradoras. Alguns homens assinaram seu sobrenome, mas nenhuma o revelou. Suspeitamos, inclusive, que alguns tratavam-se de pseudônimos. A dificuldade aumenta quando os autores usavam recursos gráficos ou adjetivos para se identificarem.

As mesmas dificuldades sobre a identificação das colaboradoras foram encontradas no *Jornal das Senhoras*, entretanto, um elemento interessante ocorreu no caso deste jornal: algumas mulheres foram se revelando ao longo dos números. Um exemplo é o de Emilia C. F. L., que em sua segunda aparição se revelou enquanto Emilia Constança Ferreira de L.. Seria este tipo de prática uma forma de afirmação no espaço público e um indício do aumento das convicções das mulheres na proposta veiculada pelo *Jornal das Senhoras*?

No caso das redatoras deste jornal, ao longo das páginas seus nomes foram sendo revelados. O termo utilizado pelo *Jornal das Senhoras* foi “redactora em chefe”. Já no primeiro número nos deparamos com o nome de Joanna Paula Manso de Noronha. No dia 4 de julho de 1852, D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco assumiu a redação. A partir de 12 de junho de 1853, a redatora em chefe passou a ser D. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves.

Parafraseando Regina Crespo, questionamos: quais elementos são fundamentais para que um periódico se torne reconhecido? Por que é relevante estudar periódicos de curta e precária existência? A própria autora nos mostra que regularidade, longevidade e hegemonia cultural não são suficientes para garantir um lugar de destaque para um periódico. (CRESPO, 2010: 9) Além disso, os periódicos pouco estudados também merecem análises profundas. Nas palavras da autora:

Esas publicaciones forman parte del campo cultural latinoamericano, al lado de las revistas que se consagraron como polos de referencia. Si se quiere entender el desarrollo de la historia cultural de América Latina, hay que ampliar el espectro de análisis y proceder a trabajos pacientes y meticulosos de comparación, sin dejar que determinados esquemas de clasificación y jerarquización reduzcan y empobrezcan el trabajo analítico. La historia se hace también de ausencias y con muchos actores en el reparto (CRESPO, 2010: 14).

Além disso, não podemos deixar de reconhecer o valor destes empreendimentos, mesmo com curto período de circulação, tendo em vista os desafios enfrentados pelas mulheres na segunda metade do século XIX: a necessidade de lançar um periódico sem apoio

financeiro; sofrendo críticas da sociedade e, às vezes, também da própria família; o desafio de romper com os preceitos que a ordem vigente lhes impunha. Portanto, acreditamos que o reconhecimento de um periódico estão mais atrelados aos objetivos que eles lançaram; às ações empreendidas e aos impactos que eles geraram na vida das pessoas do que à popularidade, aos grandes nomes impressos em suas páginas ou ao reconhecimento da crítica da época.

Findamos este trabalho cientes de que este é apenas o início de reflexões mais amplas que os materiais analisados, bem como as questões trazidas pelos autores trabalhados, nos permitem avançar.

### Fontes

A REDACÇÃO. [Sem título]. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 30/12/1855. Seção A's nossas assignantes. p. 409.

LA CAMELIA. [Sem título]. *La Camelia*, Buenos Aires, 06/05/1852. p. 1-2.

NORONHA, Joanna Paula Manso de. Sem título. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 01/01/1852. Seção às nossas assignantes. p. 1-2.

QUEM eu sou e os meus propósitos. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 11/01/1852. p. 11.

[Sem título]. *La Camelia*, Buenos Aires, 13/04/1852. Seção Las Redactoras, p. 1.

[Sem título]. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 18/01/1852. Seção Modas, p. 17-18.

[Sem título]. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 25/01/1852. Seção Modas, p. 26.

### Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas/SP, nº 13, p. 7-21, 2007.

BITTONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CRESPO, Regina. Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación. *Coloquio Internacional de História y Ciencias Sociales*. Colima, Universidad de Colima, 2010. CD-ROM, p. 1-15.

GONZÁLEZ, Alexandra Pita. Las revistas culturales como fuente de estudio de redes intelectuales. In: PALÁCIO MONTIEL, Celia del; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarelly (coord.). *Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México, Universidad Autónoma de Chiapas, 2008. p. 75-85.

GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, Maria del Carmen. (2015). Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, vol. 5, n. 01, 2015, p. 3-30. Disponível em: <http://www.relmecs.fahce.unlp.edu.ar/article/view/relmecs05n01a06>. Acessado em 1 de setembro de 2015.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Outra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, p. 67, 2º semestre de 2003.

MYERS, Jorge. Introducción al volumen I. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008. p. 29-50.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11 (1), p. 225-233, jan-jun/2003.

PATIÑO, Roxana. América Latina. Literatura e crítica em revista (s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 456-470.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanoamerica*, Espanha, año 33, nº 99, p. 3-19, dez/2004.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *America, Cahiers du CRICAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992.

